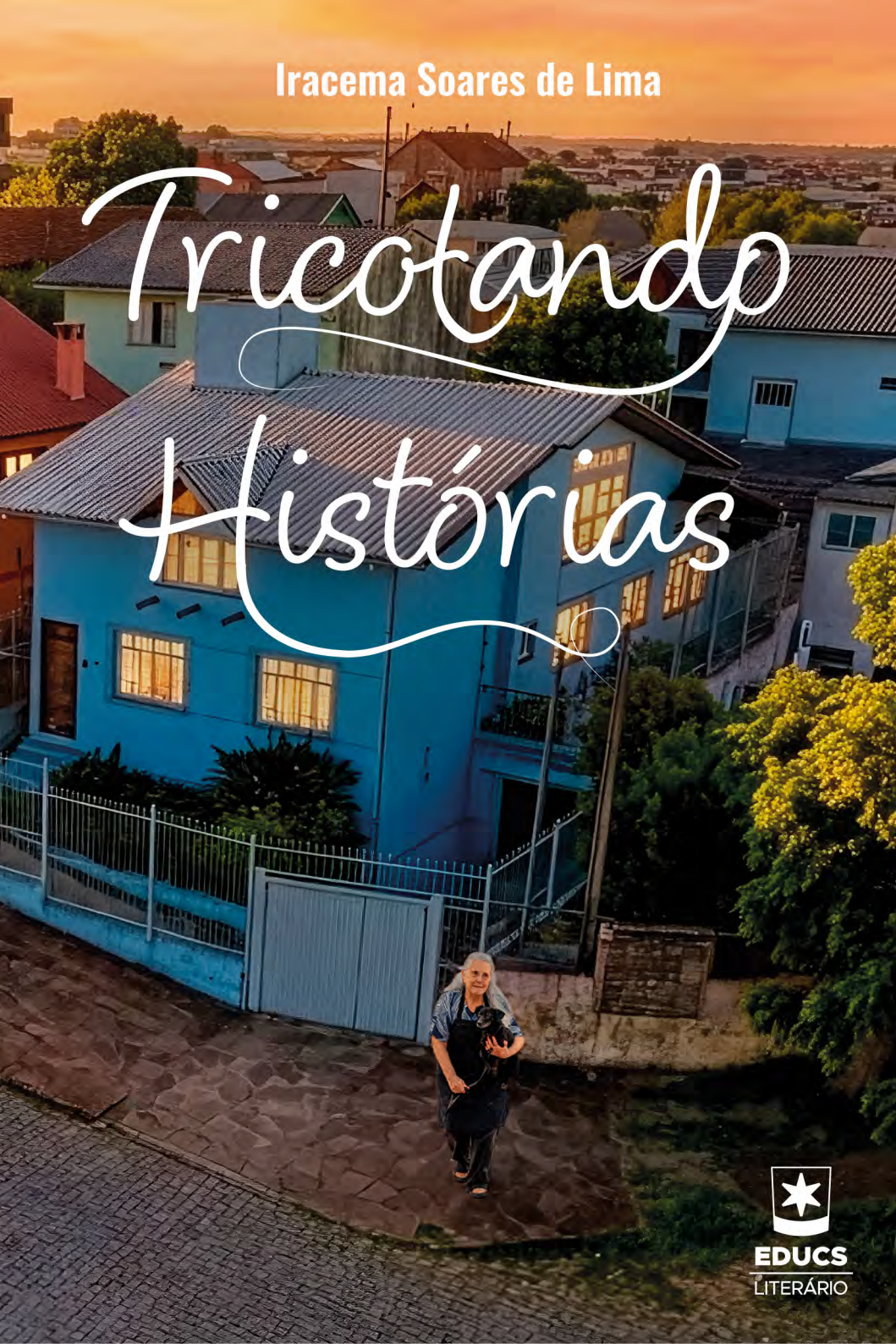
Iracema Soares de Lima

Tricotando Histórias



EDUCS
LITERÁRIO

Tricotando Histórias

Fundação Universidade de Caxias do Sul

Presidente:
Ubiratã Rezler

Universidade de Caxias do Sul

Reitor:
Asdrubal Falavigna

Vice-Reitora:
Terciane Ângela Luchese

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação:
André Felipe Streck

Pró-Reitora de Graduação:
Terciane Ângela Luchese

Pró-Reitora de Inovação e Desenvolvimento Tecnológico:
Neide Pessin

Chefe de Gabinete:
Givanildo Garlet

Coordenadora da EDUCS:
Simone Côrte Real Barbieri

Conselho Editorial da EDUCS

Alexandre Cortez Fernandes – Presidente
André Felipe Streck
Clovis Eduardo Malinverni da Silveira
Flávia Brocchetto Ramos
Francisco Catelli
Guilherme Brambatti Guzzo
Janaina Macke
Márcio Miranda Alves
Marcell Bocchese
Odair Camati
Odilon Giovannini Junior
Pedro Lopes da Cruz
Simone Côrte Real Barbieri – Secretária
Terciane Ângela Luchese
Vinício Cecconello

Comitê Editorial

Alberto Barausse
Universitá degli Studi del Molise/Itália

Alejandro González-Varas Ibáñez
Universidad de Zaragoza/Espanha

Alexandra Aragão
Universidade de Coimbra/Portugal

Joaquim Pintassilgo
Universidade de Lisboa/Portugal

Jorge Isaac Torres Manrique
Escuela Interdisciplinar de Derechos Fundamentales Praeeminentia Iustitia/ Peru

Juan Emmerich
Universidad Nacional de La Plata/ Argentina

Ludmilson Abritta Mendes
Universidade Federal de Sergipe/Brasil

Margarita Sgró
Universidad Nacional del Centro/ Argentina

Nathália Cristine Vieceli
Chalmers University of Technology/ Suécia

Tristan McCowan
University of London/Inglaterra



Tricotando Histórias

Iracema Soares de Lima

EDUCS
LITERÁRIO

O rigor e a exatidão dos conteúdos publicados nesta obra são de responsabilidade exclusiva dos(as) seus(suas) autores(as) e organizadores(as).
© da autora
1ª edição: 2026
Preparação de texto: David Marques de Ramos
Leitura de prova: Helena Vitória Klein
Editoração: Ana Carolina Marques Ramos
Capa: Luana Stela Martini

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS – BICE – Processamento Técnico

L732t Lima, Iracema Soares de
Tricotando histórias [recurso eletrônico] / Iracema Soares de Lima. – Caxias do Sul : Educs, 2026.
Dados eletrônicos (1 arquivo).

Modo de acesso: World Wide Web.
ISBN 978-65-5807-590-5

1. Lima, Iracema Soares de - Narrativas pessoais. 2. Literatura sul-rio-grandense - Biografia. I. Título.

CDU 2. ed.: 821.134.3(816.5)-94

Índice para o catálogo sistemático

1. Lima, Iracema Soares de – Narrativas pessoais 821.134.3(816.5)-94
2. Literatura sul-rio-grandense – Biografia 821.134.3(816.5)-94

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Carolina Machado Quadros – CRB 10/2236

Direitos reservados a:





EDUCS – Editora da Universidade de Caxias do Sul
Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – Bairro Petrópolis – CEP 95070-560 – Caxias do Sul – RS – Brasil
Ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95020-972 – Caxias do Sul – RS – Brasil
Telefone: (54) 3218 2100 – Ramais: 2197 e 2281 – DDR (54) 3218 2197
Home Page: www.ucs.br – E-mail: educs@ucs.br

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela força e pela coragem de relembrar essa história tão distante.

Agradeço a Célia Fedrizzi, Fernanda Toniazzo e Liege Dalla Porta pela ajuda e pelo incentivo para escrever este livro.

À minha filha Daniela, meus sinceros votos de amor e de carinho.

Agradeço a todos os meus familiares, aos leitores, aos velhos amigos e àqueles que ainda virão.

Um agradecimento especial ao meu neto Enzo Ricardo, que, com muito amor, criou a capa do meu livro.

Obrigada à Santíssima Trindade e ao Anjo Miguel.

Iracema Soares de Lima — Vó Pema

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO
7

LEMBRANÇAS DO ANO DE 1940
9

MEUS BICHINHOS DE ESTIMAÇÃO
31

CORONAVÍRUS
45

APRESENTAÇÃO

Entre memórias, sentimentos e histórias vividas, nasce esta obra escrita por uma mulher extraordinária: a escritora Iracema Soares de Lima, carinhosamente chamada de Vó Pema, uma pessoa com deficiência visual que, aos 93 anos, transforma suas lembranças em palavras cheias de emoção, sensibilidade e verdade. Artista, ela construiu sua trajetória expressando sua criatividade em diferentes formas de arte. Além da escrita, dedica-se ao canto, à escultura, à poesia e a outras manifestações artísticas que fazem parte de sua vida e de sua maneira única de perceber e sentir o mundo. Sua sensibilidade artística transparece em cada lembrança, em cada descrição e em cada sentimento compartilhado ao longo deste livro.

Tricotando histórias é o oitavo livro publicado pela autora, reafirmando sua dedicação à arte, à literatura e à preservação das memórias e das experiências que marcaram seu percurso. Mais do que uma artista, Iracema é reconhecida por seu grande coração, pela sensibilidade humana e pelo olhar atento às pessoas. Ao longo da vida, sempre buscou agir com justiça, empatia e respeito, pensando não apenas em si mesma, mas também no bem-estar de todos ao seu redor. Sua forma de viver e de se relacionar

demonstra carinho, acolhimento e profunda preocupação com as pessoas, valores que também estão presentes em suas histórias e memórias.

Cada capítulo deste livro é um convite para que o leitor viaje no tempo, conheça costumes antigos, valores familiares, desafios da vida no interior e experiências marcadas pela coragem, pelo amor e pela fé. Com uma narrativa simples, humana e afetiva, a autora compartilha recordações da infância, da juventude, da maternidade, das perdas, das alegrias e da convivência com pessoas e animais que marcaram sua caminhada. Mais do que um conjunto de histórias, esta obra representa a força da memória, da arte e da superação. Mesmo diante das limitações impostas pela deficiência visual e pelo avançar da idade, Iracema mantém viva sua vontade de criar, emocionar e deixar registrado o seu legado cultural e humano. Seu olhar sensível sobre o mundo revela detalhes de uma época em que a simplicidade fazia parte do cotidiano, valorizando o trabalho, a união familiar, a solidariedade e os aprendizados transmitidos entre gerações.

Este livro é também um testemunho de resistência e de inspiração, mostrando que nunca é tarde para realizar sonhos, compartilhar talentos e eternizar histórias através da arte. Que cada página seja lida com o mesmo carinho com que foi escrita, e que as memórias de Vó Pema possam tocar o coração de todos aqueles que acreditam no poder da arte, das histórias e da vida.

Fernanda R. Toniazzo
Liege Dalla Porta

LEMBRANÇAS DO ANO DE 1940

Primeira pergunta: onde colocavam o lixo da cozinha? Lixo na cozinha não existia, porque todas as cascas de legumes e de ovos eram levadas para as galinhas. Os resíduos de carne iam para o tacho, para cozinhar e alimentar os cães. E o lixo seco? Não existia praticamente. Algumas latas, como as de atum, de ervilha ou de azeite, eram reaproveitadas como canecas ou fôrmas para assar pão. Nos tempos antigos, não existia lixo como conhecemos hoje.

O tempo passou, e Iracema também cresceu. Tornou-se uma menina-moça, responsável por duas casas: a dos pais, que a criaram, e a da dona Araci, uma jovem senhora que havia dado à luz uma linda menina, de quem Iracema era babá.

Iracema cuidava da pequena Eloí, era responsável pelas mamadas, pelas trocas de fraldas e pelo banho. Assim, a pequena Iracema ia crescendo rapidamente, formando sua personalidade.

Sempre sonhava em encontrar seu pai e ter um lar de verdade, junto da mãe e dos irmãos. Observava o nascer e o pôr do sol — sonhadora desde muito

pequena. Essa era a vida dela: muitas vezes sozinha ou junto à peonada da grande fazenda.

O dono da fazenda era um militar. Tenho boas lembranças dele. Na minha mente, era um homem muito grande, ou será que eu era muito pequena? Lembro de ele me levantar em seus braços fortes e me erguer para brincar comigo.

Havia uma sala grande com cheiro de queijo, pois realmente havia prateleiras cheias dele.

Seu Artur vestia roupas diferentes. Alguém me explicou que aquelas roupas eram fardas militares. Na época, não entendi nada, mas gravei em meu cérebro. Depois de muitos anos, tudo continua registrado, como peças que tentei juntar em minha memória.

Vamos ouvir a história de uma menina de oito anos.

No ano de 1940, ela já trabalhava, ajudando a cozinhar e em todos os afazeres domésticos, tanto dentro quanto fora de casa, realizando serviços leves e pesados.

Segunda pergunta: como faziam as necessidades fisiológicas? Essa pergunta era constrangedora para se fazer na época. Naqueles tempos, as pessoas faziam suas necessidades em moitas, no mato ou em latrinas.

Terceira pergunta: como tomavam banho? Os homens tomavam banho nos rios ou nos riachos. As mulheres e as crianças tomavam banho em bacias ou com baldes furados. Explicando: pegava-se um

balde, um prego e um martelo e faziam-se vários furinhos no fundo do balde, assim, era só aproveitar um banho gostoso.

Brincadeiras de antigamente. As crianças brincavam, sim, sempre depois de cumprir suas tarefas. Nos reuníamos e brincávamos até a noite chegar, quando os pais chamavam para jantar. Depois, lavávamos as mãos, os pés e o rosto e, antes de dormir, ajoelhávamos para rezar.

As brincadeiras eram muitas: brincadeiras de roda (pai Francisco, a canoa virou, ovo choco, viuvinha, o gato e o rato, bibolô da cruz, pai Juquinha entra na roda); corridas; subir em árvores; pular corda; pega-pega; corrida de saco de estopa; pão quente; jogar pedra no lago. Os familiares também participavam, e havia muito respeito entre todos.

Menstruação. Outra pergunta: como faziam as meninas quando vinha a menstruação? Era um tabu. As mães deveriam conversar com as filhas por volta dos dez anos, mas nem sempre isso acontecia. Passei por essa dificuldade. Quando chegou minha vez, foi dramático.

Eu estava cortando pasto para os animais em uma tarde fria. O frio era cortante, mas meu corpo estava quente. Com o movimento do braço na ferramenta, dei impulso para levantar-me e firmei a mão no cesto cheio de pasto. De repente, senti algo quente escorrer pelas pernas. Será que fiz xixi nas calças? As vacas estavam mugindo. O pasto foi dividido entre duas vacas leiteiras, tarefa cumprida.

Ouvi o chamado da minha mãe de criação, senti medo da repressão.

— Qual o motivo da demora? — ela perguntou.

Antes que eu respondesse, ela falou apavorada:

— Tuas pernas estão sujas de sangue, o que você andou fazendo?

Abaixei-me, vi o sangue e entrei em pânico. Chorava. Pensei que tivesse me machucado ou que estava morrendo.

Quando minha mãe de criação viu, disse com carinho:

— Você não está morrendo, está se tornando adulta.

Ela me levou para casa, eu precisava de um banho e de roupas adequadas, voltou do quarto com uma sacola de saco de açúcar alvejado, com meu nome bordado em ponto cruz, dentro tinha toalhinhas de saco de farinha de trigo, os quais eram os nossos absorventes da época. Cada moça era responsável por lavar suas próprias roupas íntimas e as toalhinhas da menstruação.

Assim foi de 1933 a 1940. Pulo para o ano de 1950, já com 17 anos de idade, cheia de sonhos não realizados. Casei com o primeiro namorado. Nós nos amávamos de verdade e, com amor e dedicação, construímos um império de sete filhos. Amém!

O tempo passou, enfrentamos muitas lutas, mas também muitas conquistas, com trabalho e amor, construímos nosso império. A luta continuou, amenizou na idade avançada. Doenças também foram

vindo. Assim, fiquei viúva aos 80 anos. Chorei a perda, mas, apoiada pelos familiares, continuei vivendo.

Meu lema é viver com dignidade e amor pela minha família de sangue e pela família do INAV, a quem também amo. Assim, vou vivendo enquanto Deus quiser. Contando proezas de vó e netos.

Os netos sempre querem saber como eram as coisas antigamente. "Como passavam as roupas nos tempos que não existia luz?", e a vó, toda cheia de pose, caminhando para uma peça de depósito, abre um armário e retira de lá um objeto estranho. Com a cabeça erguida, fecha o armário com pose de mestra. Faz o caminho de volta, com os netinhos correndo atrás, parecendo pintinhos seguindo a choca.

Chegando perto do fogão a lenha, larga o ferro em um ladinho e abre a porta do fogão, mostrando para os netos o que substituía a luz: ali estavam as brasas. Encheu o ferro com brasas. Fechando bem o ferro com elegância, caminha até a janela, ergue uma tampinha do lado traseiro do ferro e, elevando-o, sopra forte as brasas, o ferro ilumina-se. Na parte traseira, há uma abertura por onde entra o ar e, na frente, uma janelinha arredondada por onde sai o sopro.

A vovó caminha em passos rápidos em direção à mesa de passar, com pose de profissional. Os olhinhos dos jovens netos e bisnetos brilhavam de felicidade com a aula da vovó passando roupas. Eles corriam atrás dela.

A vó, toda faceira e orgulhosa com aquela festividade, puxa uma cadeira e senta-se para descansar, sem demonstrar aos netos que estava cansada — precisava de alguns minutos de repouso.

— Vovó! — falou um dos netos. — Conta outra história dos anos quarenta.

Perguntei aos netos se gostariam de ouvir sobre a carneação.

— Sim, vovó! — responderam em coro.

A vó, toda orgulhosa, ajeitou-se na cadeira.

Vamos viajar no tempo: a vovó, junto com o vô e mais duas pessoas, carneava um suíno por ano.

Em primeiro lugar, comprava-se um suíno ainda pequeno, colocava-se em um cercado para ser tratado desde cedo. Depois ia para o chiqueiro, crescia e engordava rápido. Assim passava o tempo, até estar pronto para ser carneado. Podia pesar até acima de cem quilos.

Um desses suínos dava três ou mais latas de banha. Não lembro quantos quilos de linguiça rendia, só sei que era bastante, com muito torresmo gostoso.

Os miúdos, cozidos em água e sal, temperados com variedades de temperos verdes, eram aproveitados. Era feita a morcilha (morcela) com o sangue do suíno. Também se fazia morcilha branca e outras tantas variedades.

Depois de feito todo o aproveitamento, desossávamos as carnes para linguiça e salame, sempre em duas pessoas para o desossamento e a moagem das carnes. Nada com eletricidade, tudo manual.

Moíam-se todas as carnes. Depois, dividir para temperar: uma parte para linguiça, outra para salame. Muita força nessa hora. Sovávamos e temperávamos a carne das linguiças, moldando até ficar parecendo um só pedaço de carne.

Temperavam-se as carnes das linguiças. Em cima daquele grande "queijo" de carne moída, colocava-se sal, bem espalhado. Sobre o sal, duas colheres de sopa cheias de pimenta-do-reino moída, bem distribuídas. Por último, duas colheres rasas de salitre.

Enquanto os temperos umedeciam para melhor manipulação, separavam-se as boas tripas para que, na manhã seguinte, as linguiças fossem enchidas. No fogão, colocavam-se os "soquetes" para cozinhar em uma grande panela com bastante gordura, para depois guardar em outro vasilhame quando necessário.

Depois de um pequeno descanso e alimentada, eu voltava animada a sovar aquele grande "queijo" de carne moída, já sovado e temperado.

— Que delícia! Até amanhã.

Enchíamos os salames. A diferença entre linguiça e salame é pouca: o salame é menos sovado, a tripa é mais grossa e leva pedacinhos de toucinho misturados com as carnes moídas. Deve-se encher bem a tripa, sem deixar ar dentro, para não estragar. Dá-se um nó com linha nas duas pontas e fazem-se pequenos furos com a ponta de uma agulha para sair o ar.

Parece que estamos chegando ao fim da carneação.

Só falta pendurar as linguiças, os salames e as três latas e meia de banha. Na meia lata, eu guardava os "soquetinhos", que eram uma delícia. Fazia fumaça embaixo das linguiças e dos salames, fazia a limpeza e juntava os restos não utilizados, que iam para o tacho de sabão, com o cebo juntado e guardado para essa produção.

Depois disso, enfim, poderia tomar um banho de balde furado. No dia seguinte, arrumava minhas crianças, fazia uma faxina na casa, descansava um pouco e voltava.

Levava as crianças para brincar na grama, enquanto mexia com a pá uma tachada de sabão. Poderia lavar roupas e utensílios domésticos para um ano inteiro. Ainda tinha sabão do ano anterior por mais três meses, tempo suficiente para secar o sabão novo.

Já preparava as lenhas debaixo do tacho, era só riscar o palito de fósforo.

Vamos aprender a torrar café. Vamos apresentar os utensílios usados nesse processo: uma panela de ferro de três pés e uma trempe, se for torrar no fogo de chão. Se for no fogão, retire as rodelas da parte da frente da chapa e coloque a panela com os grãos de café.

Com movimentos leves, vá mexendo com a pá até os grãos ficarem marrom-escuros. Retire a panela do fogo e continue mexendo por uns cinco minutos. Despeje os grãos em um vasilhame e deixe-os descansar.

No meu café, vou colocar duas rapaduras ou meio quilo de açúcar mascavo. Leve a panela novamente ao fogo. Use duas rapaduras com meia xícara pequena de água e deixe ferver até ficar marrom-escuro. Retire a panela do fogo.

Adicione os grãos de café torrados, devagarinho, mexendo com a pá. Retire a pá.

Enquanto isso, vou apresentar a segunda "equipe" de utensílios da torração: o "gordo", que tem o nome de pilão, feito de madeira nobre. A segunda peça, também de madeira nobre, chama-se mão de pilão.

Coloque o café torrado dentro do pilão e, com a mão do pilão, soque o café até desaparecerem todos os grãos. Agora, chega o último objeto: a peneira. Ela é feita de uma tela fina com um arco redondo de madeira. Continue a peneiração.

Enfim, terminou a torração. Vamos colocar o café nas latas.

Vamos experimentar o nosso café.

— Ai, que delícia!

Preparei alguns petiscos para acompanhar: sovado para comer com geleia, também feita em casa, com amoras colhidas nos campos e no capão.

Vou falar de algumas guloseimas feitas no forno de tijolos e barro de argila: pão, cuca, biscoitos, bolachas, batata-doce assada e carnes de ovelha ou de suíno.

Por falar em suíno, vamos fazer um leitão assado no forno.

Depois do leitão morto, depilado e bem limpo, prepare um tempero com alho, uma pitada de pimenta-do-reino e cheiros-verdes a gosto, em um vasilhame de madeira. Coloque tudo dentro do vasilhame e despeje duas garrafas de vinho tinto seco, até cobrir bem.

Vire o porquinho várias vezes antes de dormir. É preciso fazer vários furinhos com uma agulha para que fique bem temperado.

Pela manhã, o forno já deve estar quase quente. À noite, foi feito fogo com casca de pinheiro e nó de pinho. Agora, basta uma labareda de 30 minutos.

Depois, puxe o braseiro para as laterais e coloque a forma, de aproximadamente 80 centímetros de comprimento por 50 de largura, com o leitão dentro. Acrescente duas colheres de banha para o assado começar a reagir.

Feche o forno e deixe por duas horas e meia. Abra o forno, puxe a fôrma com cuidado para não se queimar, vire o leitão e coloque uma xícara do molho por cima, usando um molho de palha de milho para respingar até o fim do líquido.

Coloque novamente no forno, feche bem e deixe por mais três horas. Está pronto o assado.

— Ai, que delícia!

Um casal da época dos anos cinquenta.

Joana chamou José, que estava escutando notícias no rádio:

— Amor, vamos fazer nosso rancho.

Ele, brincalhão, disse:

— Só se tu me pegares.

Ela respondeu:

— Então corra!

E nem teve graça, ele saiu correndo, enquanto ela calçou os tênis e, em seguida, saiu atrás dele. Pegou-o pelo braço; ele estava exausto.

Joana, vendo o esposo naquele cansaço, disse:

— Tu estás precisando dar um passeio até o médico. Vem, vai tomar um banho e descansar.

Ele olhou nos olhos castanhos dela e disse que depois do rancho queria ver a caixa de mantimentos cheia.

José levantou-se sorrindo para a esposa:

— Vamos, o Pafúncio está nos esperando.

Chegando à bodega, Pafúncio os recebeu sorridente. Sempre foram bons amigos.

— Então, dona Joana, vamos ao trabalho. José, para você, o amigo de sempre está à tua espera.

Pafúncio olhou para Joana, deu-lhe um beijo no rosto. Os olhares se cruzaram, e ela entendeu que não precisava se preocupar.

Joana abriu a bolsa, retirou a nota e começou:

— Vamos aos pesados primeiro. Antes de começar as compras, vou pedir um favor também, em segredo: peço para alguém descarregar.

Pafúncio perguntou:

— Tem algum problema com a saúde do José?

— Não sei! — respondeu Joana. — Eu estou observando ele de uns meses para cá. É uma preocupação minha, espero que seja só preocupação.

— Não será mentira — disse Pafúncio. — Já sei, vou pedir para conhecer a famosa caixa de mantimentos.

Assim combinaram Joana e Pafúncio. Os carregadores levaram o devido rancho.

Joana chamou por José:

— Vamos, amor!

— Já estou indo, querida! — respondeu José.

Entraram na cabine do Dodge, que Pafúncio, orgulhoso, dirigia como se fosse um carro de luxo. Pisou na embreagem, em seguida no freio, e o Dodge pulou como um cavalo de rodeio. Ainda bem que o casal estava abraçadinho, um afirmando o outro.

— Vamos para a famosa caixa de mantimentos.

Chegaram à casa de José e Joana.

Pafúncio falou:

— Hoje é o dia de matar minha curiosidade. Enquanto os rapazes descarregam o rancho, quero conhecer a tão famosa horta da sua esposa.

Joana entendeu que o amigo estava ganhando tempo para os empregados guardarem e despejarem os sacos na famosa caixa de mantimentos, para que José não precisasse fazer esforço.

Joana pediu para que eles sentassem em um banco debaixo da figueira, enquanto ela iria preparar uma bebida. Enquanto preparava a jarra, conversava com os homens, dando um copo de refresco para cada um deles, mostrando os nomes dos alimentos em cada repartição.

A tão esperada caixa não tinha pregos, era feita com o encaixe da própria madeira. A tampa era

inclinada, como uma gangorra, e tinha dobradiças especiais pelo lado de fora, de modo que não tivesse contato com os alimentos. Tinha de cinco a seis repartimentos. A tampa era pesada e tão fechada que não entrava nem mosquito de pólvora. Os alimentos eram comprados em sacas de 25 ou 50 kg.

Joana organizou a jarra de refresco e três copos, uma faca para cortar alguns pés de hortaliças para presentear o amigo.

Continua: a fábrica de sabão. Para acender o fogo, risquei o fósforo nas lenhas preparadas debaixo do tacho. Enquanto o fogo ia esquentando os ingredientes para diluir, podia dar atenção para os filhos e para a casa e ainda dar uma mexida no sabão.

À tarde, eu estava de volta, com toda a energia. Depois de duas horas, a tachada estava pronta. Retirei as brasas debaixo do tacho com um rodo, com cuidado para não ficar nenhuma faísca.

Experimentei o sabão com algum resquício dele, colocando um pouco de água no vasilhame e batendo. A espuma subiu, aprovado. Tapei com tábuas e pedras para não ter perigo. Precisava de uns três dias para poder cortá-lo.

Agora vamos fazer paçoquinha de amendoim. Vamos torrar, mais ou menos, 2 kg de amendoim; colocá-los em uma fôrma grande e levá-los ao forno não tão quente, com cuidado para não queimar. Depois que o amendoim estiver torrado, deixe es-

friar um pouco. Com as mãos, vá manipulando até soltar a pele vermelha.

Vamos novamente ao pilão, que já está limpo, esperando. Vamos colocar açúcar mascavo ou duas rapaduras. Se optar pelas rapaduras, é preciso raspar com uma faca de mesa, retirar as palhas da rapadura e ir raspando até o fim.

Em seguida, coloque a farinha de mandioca fina. Pegue a mão do pilão e comece a socar, mexendo também com a colher de pau. Com muito cuidado para não saltar fora os ingredientes.

Vamos pegar uma peneira mais grossa para peneirar a paçoca várias vezes. Outra delícia.

Agora, vamos para a paçoca de pinhão. Vamos pegar 2 kg de pinhão. Este precisa estar bem maduro, de preferência juntado do chão, quando o pinheiro estiver debulhando.

Lave bem em água fria, coloque em uma panela — de preferência, de pressão — com água fria. Em chama alta, deixe ferver por dez minutos. Se não tiver panela de pressão, deixe ferver por 15 minutos.

Abra a panela sempre com cuidado para não queimar os dedos. Os pinhões devem ser retirados com uma escumadeira, aos poucos, para não esfriarem. (Isso era no passado, quando não tinha tecnologia. Agora tem maquininha para descascar.)

Vamos voltar ao tempo em que não havia nada de tecnologia e tudo era feito manualmente, em que havia mais amizade, alegria, união, amor e respeito uns com os outros. Vamos voltar para a paçoca.

Depois de descascados, transfira os pinhões para o pilão, para que sejam socados — e bem socados! Em seguida, coloque-os em uma panela de ferro, que já deve esperar com um lindo molho feito com aquela linguiça que já estava no consumo.

Como fazer o molho: descasque uma cebola de tamanho médio, pique bem picadinha. Em uma panela de ferro, coloque a cebola com uma colher rasa de banha e frite bem. Em seguida, coloque a linguiça sem pele. Derrame uma xícara de temperos verdes por cima. Retire a panela do fogo e, devagarinho, vá misturando a paçoca, bem misturada. A paçoca pode ser servida no café da manhã, como complemento para o almoço ou pode até substituir o pão.

Começando outra gostosura. Agora, vamos fazer paçoca de charque ou carne seca.

Naqueles tempos, era consumida muita carne chamada de charque ou carne seca. Não havia os confortos de agora. Por esse motivo, vou tentar recordar essa receita.

O charque era feito de carnes de primeira. Ainda hoje, charque bom é raro, mas existe.

Vamos pegar um pedaço, regulando uns 600 g. Lave bem debaixo da torneira, coloque na panela — de preferência, de pressão — e deixe ferver por uns 30 minutos, mais ou menos. Desligue e deixe esfriar.

Se estiver com pressa, abra a torneira, com água fria, para esfriar rápido. Abra a panela, retire o conteúdo e coloque em um escorredor de massa, deixando esfriar.

Aquele caldo que ficou no fundo da panela pode ser aproveitado. Coloque umas quatro colheres de sopa bem cheias de farinha de mandioca, mexa bem com uma colher de pau e leve novamente ao fogo, mexendo rápido até ficar transparente. Pode, se quiser, colocar salsinha picada.

É outra delícia. Esses alimentos eram preparados na minha infância e também na vida adulta.

Adolescência não existia na minha vida, ou na de ninguém. Sei que, com dez anos, eu já tomava conta da casa onde fui morar, desde os cinco anos. O motivo de eu cuidar da casa era porque aprendi a cozinhar, pois eu era curiosa, era metida a aprendiz de tudo. Por isso, logo as pessoas confiavam em mim.

Posso dizer que as pessoas eram mais confiáveis e também mais severas. As pessoas mais idosas tinham sabedoria para conhecer o caráter apenas olhando no olho do outro.

Bom, vamos falar em plantação? Ajudei minha mãe de criação a roçar capoeira baixa com uma foice mão. Claro que ela ia na frente, roçando os pés mais altos com uma ferramenta mais avançada, e eu, com minha pequena foice, ia cortando os pés baixos. A sabedoria e o conhecimento das pessoas eram respeitados pelos mais jovens, e também aprendíamos o respeito pelos mais sábios. Pena que não lembro a quantidade de terra, mas era uma quarta de terra. O roçado não era muito grande, duas a três quartas de terra.

Depois de uma semana de sol, podia-se fazer o aceiro ao redor do roçado. Em seguida, com uma tocha de panos velhos amarrados na ponta de uma vara forte, embebidos em óleo velho, guardado, riscava-se um fósforo na tocha e, com ela, ia-se acendendo o roçado em direção ao vento. Sempre cuidando.

Voltamos para a roça, já queimada, na manhã seguinte, pronta para o plantio. Durante a noite, deu uma boa chuva. Em dois dias, plantamos feijão na roça; no terceiro dia, plantamos milho nas laterais e algumas sementes de abóbora para tratar a criação.

Havia o tempo certo de plantação para todas as espécies. Também havia criação para os moradores: galinhas, suínos, vacas leiteiras e cavalos, que eram o transporte mais usado, além dos bois para lavrar as terras planas para plantações maiores.

Até os seis anos, era criança. Completei sete, já era considerada responsável, e as tarefas aumentavam. Sendo assim, nessa idade, passava para o rol dos adultos. Só que essa lei de adulto era válida apenas para o trabalho, ainda bem.

Para mim, foi assim: completei sete anos e ganhei de presente, para cuidar, um cercado com uma porca e cinco filhotes, mais o galinheiro. Então, minha tarefa aumentou bastante, além da louça da noite.

Uma força dentro de mim manda eu mudar de assunto.

Foi mais ou menos nessa época a Segunda Guerra Mundial. Não tenho quase nada para falar. Nesses momentos, éramos tratados como crianças.

Os mais velhos dificilmente falavam algo perto dos mais novos. Minha memória tem vagas lembranças: à noite, não se acendia nenhuma luz. Era colocada uma espécie de cortina, chamada *blackout*.

Os familiares falavam baixo, com cuidado, para que as crianças dormissem cedo. Tenho lembranças de, durante o dia, famílias reunidas rezando, conversando e chorando baixinho.

As pessoas que não falavam português. Não sei dizer minha idade na época, nem o tempo, mas era triste e sofrido. Tenho vagas lembranças de casas invadidas, destruíam livros, colocavam fogo, batiam nas pessoas como se fossem bichos.

Fui saber, muitos anos depois, que aquilo era a Guerra Mundial.

Lembranças do ano 1940.

Vamos para a medicina caseira: mamãe, papai, vovó e os adultos que estiverem atentos.

Foram tantas emoções. Em tempos de inverno, bem frio, quando os pinhões caíam ou debulhavam, a família acordava muito cedo para ir ao mato juntar pinhão.

Nesse tempo, eu ainda era muito *pequenucha*, acho que estava pelos cinco aninhos. Corria com minha cestinha para lá e para cá, até encher o saco que foi destinado para mim. Enchia a cesta com as mãos e despejava no saco.

Ali por perto tinha muitos pés de goiabeira, carregados de fruta. Para quem não teve o privilégio de saborear essa fruta, procure no campo ou no mato, na mesma época do pinhão.

Por falar em frutas ou frutos, temos muitas espécies em épocas diferentes. Falarei algumas que lembro.

Goiaba. Guavirova — esta tem duas qualidades: uma do mato, que é uma árvore alta, com galhos intensos; e a do campo, que é baixinha e mais arredondada. As frutas têm o mesmo formato, diferem um pouco na cor.

Fruta de São João — é uma frutinha que dá em pequenos cachos, parecidos com cachos de uva, mas não é uva. São divertidas de comer, tingem os dentes, a boca e as mãos.

Quaresma ou ariticum — é uma fruta interessante, do tamanho de um pêssego, de cor verde-limão, talvez um pouco mais escura. Por dentro, é cor creme, com sementes escuras. Aquela parte cremosa é comestível e pode ser usada como ingrediente para coberturas.

Vamos falar de outra fruta silvestre: ela cresce e se torna uma árvore bonita e majestosa, com uma galhada linda de um verde mais escuro. Quando o sol está sobre ela, a sombra é intensa e acolhedora. Os frutos dão em forma de vagem mais larga e gorducha, parecida com a quaresma.

Outras frutinhas: pitangas — são delicadas, cheirosas e gostosas. Boas para comer, para fazer licores e podem ser servidas em coquetéis.

O pé da cerejeira é um pouco alto e oferece uma boa sombra às cerejas.

Vamos aos araçás: estes têm estrutura baixa, bem menores, porém dão frutos com abundância, duas vezes ao ano. São bem gostosos.

Agora, vamos para as amoras, que frutinha boa. Temos duas qualidades: branca e preta. As amoras, além de terem um fruto gostoso, têm várias utilidades. A raiz da amora branca é um santo remédio para gota nos pés e nas mãos. Gota é um tipo de reumatismo que ataca as juntas.

Já que entrei nesse assunto de chás, vou falar um pouquinho sobre minhas lembranças. Essas ervas milagrosas, que tantas vezes usei quando criança, ficaram registradas na minha memória, no meu pequeno cérebro.

Vou falar nomes de chás calmantes que lembro, de ervas que eram plantadas no quintal de cada casa: erva-cidreira, usada como calmante e para dor de cabeça; hortelã, um chá refrescante, fácil e rápido de preparar. Para um litro de água, use umas cinco folhas de hortelã. Lave bem as folhas, dê uma pequena esmagada nelas e coloque-as dentro da água fresca. Deixe descansar por alguns minutos. Experimente, que delícia.

Outros chás calmantes que guardei na memória: manjerona, cidreira, camomila, alfazema, hortelã,

erva-luísa, entre outros. Tenho certeza de que existem outros nomes que esqueci.

Essas são lembranças de 1932 a 1950.

Amigos, com dificuldades, mas cheguei ao fim deste capítulo. Agradeço a Deus e aos anjos do céu por me darem força e coragem para rebuscar essa história do passado tão distante.

Ao escrever estas memórias, agradeço às pessoas que colaboraram para que eu pudesse ter calma e tempo. Foram tempos difíceis, mas cheios de aprendizado, união, respeito e amor.







MEUS BICHINHOS DE ESTIMAÇÃO

O dia frio e nublado é propício para recordar, debaixo de um cobertor bem quentinho. Vou começar uma nova memória da Vó Pema, contando as convivências com os animais domésticos e outros que ela domesticou.

Com quatro anos de idade, aliás, onde morava, passava o dia sentada num cantinho da sala de bordados e costura, ela admirava aqueles bordados coloridos. Assim, admirando, dormia e acordava para correr até a janela.

Assim passavam os dias, à espera dos mugidos das vacas e dos terneiros, dos estalos dos arreios e dos "*era*, *era*" dos peões. Nessa hora, era a felicidade de cada dia. Lembro de ela ficar na pontinha dos pés para ver o seu ídolo, que era o padrinho.

O querido padrinho a pegava no colo, abraçando-a e acariciando seus cabelos lisos e curtos. Esse era o alimento de cada dia.

Engraçado, eu não lembro dela comendo ou bebendo, a não ser frutinhas do campo ou azedinhas,

água de bica direto da vertente. Isso é sinal de que ela não passou fome, menos mal.

Com quatro anos e meio, ela saía da casa grande com sua mãe. Para a menina, era estranha aquela mão segurando sua mãozinha. Talvez, para a mãe, também fosse estranho; aquela mulher era uma escrava da casa grande.

Pois elas quase nunca se encontravam. A menina ficava sempre naquela sala onde as filhas dos patrões bordavam e costuravam. Talvez fosse o momento de mãe e filha se conhecerem.

As duas desciam as escadas: mãe, filha e uma cordeirinha presa por uma corda no pescoço e, na outra ponta, uma pequena mão que segurava firme. Assim, a menina, segurando a corda, e a mãe, segurando a mão da criança.

A criança olhava o espetáculo no céu: o pôr do sol, as nuvens brincando de pega-pega e o sol trocando de cores. Era divino o espetáculo.

A descida ia perdendo o sol, e o vento era frio. O céu escurecia rápido. Uma luz de lampião iluminava uma casa velha, pior que os galpões do gado.

A criança, encantada com o presente do padrinho, nem imaginava o que estava acontecendo. Aquele foi o primeiro bicho de estimação. Para saber o fim da cordeira, leiam o livro *Os caminhos de Rita*.

Vamos para o segundo bicho: uma cachorra policial, cor creme. Alguém, com boa intenção, passou de casa em casa pegando o nome e a idade de cada criança, quis fazer uma rifa gratuita.

Adivinhem quem ganhou? Ela mesma.

A criança brincava fazendo mangueira com sabugos de milho quando bateram à porta. Dona Francelina, a mãe adotiva, abriu. Um senhor de cabelos grisalhos, com um sorriso largo mostrando seus dentes brancos, trazia uma caixa tapada com um velho cobertor. Um olhar de ternura direto para a menina.

A criança, encantada com aquele olhar terno, ela que procurava silenciosa o pai que não aparecia havia tanto tempo, pensou: "Já tenho sete anos e o papai não aparece". Papai, que todos tinham, só ela não. Já estava com o pensamento à procura do seu pai. A criança viajou no seu pensamento por um instante.

O senhor tirou o cobertor de cima da caixa. Diana saiu movimentando a cauda peluda em forma de leque, parecia um convite para brincar. E o segundo bicho de estimação que a menina ganhou foi bom demais enquanto durou.

Diana cresceu. Era linda, encantadora, inteligente. Toda a vizinhança babava quando via a criança passar com ela para buscar lenha no mato ou água na vertente.

Mas uma noite fatal veio a tragédia. Diana estava no cio, e os cachorros dos colonos reuniram-se em festa de uivos e latidos, acordando todos.

De repente, sons de tiros explodindo, latidos, uivos dos cães e um uivo de dor e saudade ecoando. Foi o uivo de despedida da Diana.

Aquele foi o segundo bicho de estimação da criança.

No dia seguinte, a menina acordou cedo com o coraçãozinho apertado, os olhinhos lacrimejando e saiu chamando pela Diana. Andou pelos mesmos lugares de sempre, mas era só ilusão.

Naquele momento, ela ouviu um bater de asas. Era o galo. Cantou para atrair a atenção da criança. Ela correu para colher os ovos. Ainda bem, era sua tarefa de todos os dias. Pegou o cestinho e foi colocando os ovos dentro do recipiente com cuidado para não quebrar. Esses foram o terceiro bicho de estimação da menina. Cada galinha abatida era um sofrimento.

O tempo passou. A criança já estava crescendo. Outra mudança. Dessa vez, foram para o estado de Santa Catarina. A menina encantada com aquela paisagem da serra.

A escritora pula dos seus sete para seus nove anos, para falar dos bichos de estimação da nova morada.

Aquela criança era uma trabalhadora. Tomava conta de todo o trabalho doméstico. Mais um ano passou, sempre trabalhando sem parar, a não ser para suas necessidades pessoais.

Uma noite, sua irmã veio com um presente, em uma caixa de sapato com a tampa toda furadinha e um ruído saindo pelos furinhos. A menina, ouvindo aqueles sons parecidos com fala, abriu a tampa com cuidado. Ali estava o seu quarto bicho. *O que será?*

Quando ela estava abrindo com cuidado, ouviu, mas não acreditou: uma tiriva. Sim, uma tirivinha com penugem e as asas com algumas penas crescendo também na cauda. Um encanto, tentando pedir café. A menina, já bem crescida, mas continuando a agir como uma menina de nove anos.

Catita foi o nome escolhido por sua dona, que nem fechava mais a boca de tanta felicidade. Aquele bichinho tão pequenino fornecia energia e amor para ela.

Todas as manhãs, antes da majestade do sol chegar, Catita vinha caminhando, fazendo ruidinhos com suas patinhas. Daqui para frente, a fala é da própria personagem.

Com o bico e as patinhas, ela subia na minha cama, falando algumas palavras:

— Biquinho... café... Catita... amor...

Era um som um pouco rouco. Eu fingia estar dormindo só para ouvir sua voz enrouquecida falando atrapalhada.

Leitores, tive um ano de felicidade com ela.

O dia fatal chegou. Suas asas cresceram. Eu estava falando com minha irmã para cortar as penas compridas de uma de suas asas. Eu estava puxando um balde cheio do fundo do poço.

Catita deu um voo rasante e fatal. Ela voou para pousar em meu ombro, mas errou e caiu no poço... Sem comentários. O tempo passou e eu não conseguia esquecer Catita.

Estava quase completando dezessete anos. Fui pedida em casamento pelo meu primeiro namorado — e único.

Os padrinhos de batismo do noivo presentearam-me com um casal de tirivas selvagens. Tentei de todas as formas domesticá-las, enfim, desisti.

Tinha uma pessoa sempre pedindo para comprar as duas tirivinhas. Dessa vez, aceitei. A oferta era muito boa e comprei tecidos para fazer roupa de cama.

Desculpe, passei do contexto. Essas duas tirivas não estão na lista dos bichos de estimação.

Vamos para o quarto bicho novamente: uma tiriva. Por incrível que pareça, coloquei o mesmo nome da primeira, Catita. Era como se fosse a mesma, igualzinha à primeira.

A segunda Catita era apaixonada pelo meu marido, que na época era caminhoneiro. Quando ela ouvia o som do motor do caminhão descendo o morro carregado de toras para a serraria, a bichinha ficava agitada e corria arrastando o bico no assoalho, asas abertas.

Para contar sobre a Catita, seria algo enorme. Nunca conseguimos entender tantas peripécias para escrever sobre ela.

Ali na porta, esperando pelo seu príncipe, ninguém de nós podia passar na frente. Ela atacava com seu bico afiado. Na sua frente, ninguém passava. Agarrava com seu biquinho.

Quando a porta se abria, ela rapidamente subia pela perna da calça até o ombro, então começava a beijar e beijar. Assim, ela conhecia todos os familiares. Era uma amiga da família. Quando precisávamos sair, enchíamos a bacia de água para beber e tomar banho.

Éramos felizes juntos com nossos quatro filhos na época, no andar da carroça.

Voltamos para o dia "D".

Era um domingo daqueles calorosos, as crianças em alvoroço, os amiguinhos pedindo para irem juntos. Estou saindo do contexto.

Esquecemos de encher de água o vasilhame e deixei a janela aberta com dois baldes de água, mas nenhum deles estava cheio. Ela tomou o último banho. Deve ter se divertido bastante. Assim eu quero pensar, para amenizar meus sentimentos.

Rezamos o Santo Anjo. Colocamos em uma pequena caixa de calçados e enterramos bem fundo, replantando as margaridas.

O tempo passou e muitos bichos também passaram. Ajudei a cuidar de vários sem muito apego.

Um belo dia, chega um presente para mim. Alguém entregou uma caixa cheia de furinhos de um lado. O entregador tocou a campainha. Abri a porta, ele conferiu o nome e o endereço, falou uma frase comprida e embarcou no carro com um sorrisinho nos lábios, com um sorriso de arte nos olhos.

Abri a embalagem e ali estava o meu presente: um cãozinho, filhote, sem sexo aparente. Bem pequerrucho, tinha a mesma cor da Diana.

A emoção tomou conta do meu ser. Peguei o bichinho no colo, apertei contra o peito, meu rosto molhado das lágrimas que não consegui segurar. Passando pela minha memória, como se fosse um filme, os quatro bichos de estimação que morreram em tragédia. No meu colo, aquele bichinho, olhando bem dentro dos meus olhos, tentando lamber as lágrimas que escorriam molhando todo meu rosto.

Senti o bichinho virar o corpo. Olhei para sua direção. Ali estava o que eu queria saber: era uma cachorrinha. Ela foi o meu quinto bicho de estimação. Preciso falar um pouco mais sobre ela.

Na época, eu estava completando trinta e sete anos. Este foi o motivo do grande presente.

Eu, sentada em um dos dois degraus, com a cachorrinha no colo, e a bichinha pulava inquieta, balançando uma cauda peluda cor creme, a língua para fora da boca. Aí, caiu a ficha: era sede. Não sabendo falar, espichava a língua em súplica para tomar água.

Levantei, subi os dois degraus, entrei na cozinha. Finalmente, entendi a linguagem: era sede.

As minhas ideias voltaram à tona e o nome também chegou. Coloquei as duas mãos na cabeça e gritei:

— Malu! Malu!

E gritei novamente:

— MALU!

Preciso falar sobre a Malu. Ela era peluda, cor creme em tom de mel recém-colhido, olhinhos castanho-claros, olhar de "faço parte desta família". Realmente, era parte de toda a família. Todos babavam por ela.

A amiga dócil, Malu, fez parte da grande família por mais de dez anos. Para a família, ela era um ídolo, o centro da diversão nas horas de lazer.

O dia fatal chegou. Ainda é sofrido falar. Vou reduzir em poucas palavras a morte da Malu.

Ela era amiga dos familiares e seus conhecidos e inimiga das pessoas que recolhiam lixo e dos pedintes. Isso acontecia sempre nas horas do clarear do dia e ao escurecer. Eu não queria ter um bicho racista. Isso me incomodava. Achei melhor investigar. Coloquei o relógio para despertar às cinco horas da manhã. Estava naquele sono gostoso quando o relógio despertou. Acordei e lembrei o motivo do despertar do relógio. Levantei e preparei uma frestinha só para espiar o que acontecia lá fora, para descobrir o segredo de tantos latidos da Malu. Não demorou, ouvi assobios e descida de carros. Os garis desciam mexendo com os cachorros para se divertirem.

Quando a Malu escapava, era certo que comia um bife de graça. E o que acontecia com ela? Nada, porque ela era assediada.

A Malu era uma cachorra amada e admirada. Ela tinha as vacinas sempre em dia e muitas testemunhas amigas.

Malu era amável com toda a família. Os familiares podiam ficar longe o tempo que fosse e chegar em qualquer dia ou hora; ela sempre reconhecia e recebia todos com festa e alegria.

Essa era a minha Maluzinha. Eu podia escrever um livro falando só sobre suas peripécias e aventuras.

E o fim trágico da minha Maluzinha chegou. Ela estava na corrente, no pátio da casa. Ao lado, havia um depósito de refrigerantes. Os empregados que descarregavam os engradados sempre mexiam com ela, não sei por quê.

Certo dia, deixamos ela sozinha por pouco tempo. Claro que ficou na corrente, dentro do pátio, na casinha onde dormia.

Ao voltar para casa, acompanhada da minha filha, de longe dava para ver a Maluzinha mexendo levemente a ponta da cauda peluda. Corremos nós duas e vimos o último balanço da cauda dela, despedindo-se para sempre...

Ela foi degolada por um dos carregadores de bebidas. Minha Malu morreu assassinada...

O último bichinho. Entrou em óbito no dia 27 de outubro de 2025, meu último bichinho. Este morreu com quase quatorze anos e foi atacado por uma diabete fulminante. Mesmo com tratamento rigoroso, ainda durou um bom tempo, não o suficiente para mim. Obrigada, Ritinha, pelas brincadeiras e pela tua companhia.

Largaram o bichinho no meu colo dizendo:

— Mãe, vamos escolher um nome para ela.

Eu estava em dúvida sobre ter um compromisso assim tão sério, sendo eu dependente dos meus familiares. As meninas, sentindo minha indecisão, disseram:

— Mãe, pensa bem. Hoje, nós saímos todos e a senhora estava cansada. Ontem, foi visitar o pai e hoje ficou sozinha.

— E nós vamos ajudar a cuidar dela. Olha, ela está tão feliz!

O meu coração já estava com os batimentos mais calmos e eu sentia uma onda de calor e felicidade.

A noite chegou, o frio aumentou. As meninas explicaram:

— Mãe, fizemos a primeira compra. Aqui está: um pratinho para água, outro para ração e tapetinhos para as necessidades.

— Esquecemos da caminha.

Falei:

— Tenho uma caixa de papelão vazia no ateliê. Acho um cobertor mais velho para ela se esquentar.

Assim, tudo foi dando certo. Eu não conseguia mais largar a bichinha.

Perguntei:

— E o nome?

Minha filha mais jovem falou:

— Rita.

Falei:

— Não, esse não. É nome de santa, sempre rezo para ela.

Não lembro da raça. Nossos vizinhos tinham um cachorrão cor caramelo, língua azul, um cachorro mansinho, próprio para crianças. Leo era o nome dele.

— Pensa, mãe, no teu livro, os personagens principais são Leo e Rita.

Sorrindo, respondi:

— Vou concordar para te ver feliz.

Abraçamos-nos e, assim, Rita ficou com o apelido de Ritinha.

Nossa primeira noite era tão gelada, zero grau. Fiz uma caminha bem fofa para a nova moradora e coloquei bolsa de água morna perto dela. Antes, comeu a ração sem deixar um grãozinho, fez suas necessidades biológicas, tomou água. Tapei bem e falei:

— Agora, vamos dormir.

Confesso que estava cansada, gelada, e pensei: "Será que fiz bem em aceitar esse bichinho?".

Ela olhava com aqueles olhinhos pretos e brilhantes. Meu coração parecia sair pela boca e me dizia, batendo descompassado:

— Pega ela no colo, esquenta.

Minha consciência e meu coração juntos, me acusando. Eu estava tremendo, parecia encarangada. O frio e a emoção derrubaram o preconceito de colocar a cachorrinha na cama comigo.

Forrei o lado esquerdo da cama e coloquei a Ritinha. Liguei o lençol elétrico. Também deitei, tremendo de frio. A Ritinha, sem convite, aconchegou-se,

encostando sua lombar perto das minhas costas. Confesso que me senti estranha dormindo com ela. Foi só na primeira noite. Era tão pequenina que cabia na palma da minha mão.

Assim, fomos nos adaptando e nos tornamos amigas inseparáveis. Durante o dia, brincávamos nas horas vagas. Naquele tempo, eu podia cozinhar, lavar e fazer minhas compras.

Eu e Ritinha brincávamos nas horas vagas com brinquedos divertidos e educativos. Eu, com minha mania de educar, colocava regras nas nossas brincadeiras: podia ou não podia. Ela destruiu uma pequena coleção: tinha uma girafa, um leão e uma vaquinha. Aqueles eram seus brinquedos de todos os dias. Esses brinquedinhos evitaram danos maiores. A Ritinha foi muito mimada por toda a nossa grande família e nossos amigos. E, com nosso amor, desenvolveu uma inteligência que só quem conviveu com ela pode confirmar.

Eu mesma posso afirmar alguns truques. O primeiro foi ficar em pé nas patinhas traseiras, com as patas da frente retas, cabeça erguida e olhar atento. Eu, a general, falando firme, com a mão direita e a palma para cima:

— Dá a patinha, dá a patinha.

Depois de várias vezes, ela me deu a patinha esquerda. Então, comemoramos com cantos, latidos e palmas.

Naquela mesma posição de dar a patinha, só que deitada de barriga no chão, dessa vez, ela entendeu.

Na quarta vez que falei “rola, Ritinha!”, ela rolou. Desse modo, com três meses, já sabia três truques.

Fez castração, e a deixei descansar por um bom tempo. Depois, deixei ela correr atrás de mim, brincando e dançando no colo das dindas, que eram minhas quatro filhas.

Desse modo, ela foi crescendo, amando e sendo amada por todas as pessoas. Além dos familiares, ela tinha muitos amigos. Menos os de quatro patas; estes causavam alergia. Ela começava a sentir coceira e ansiedade, ia e vinha espionando o ambiente, evitando amizade com outros animais.

Com quatro anos, aprendeu vários truques, todos bem legais. Ensinei um truque cantando o refrão de “Despacito”. Ela, em pé, só nas duas patinhas traseiras, dava passinhos no ritmo da música. Quero pedir para minhas queridas filhas acharem um dos vídeos. Vou colocar na mídia em homenagem à amada companheira Ritinha. Foi bom enquanto durou.

Para meus amigos de asas esverdeadas, obrigada e boas revoadas. Alegria para todos os amigos de quatro patas. Obrigada por fazerem tantas peripécias e trazerem tanta felicidade para minha companhia. Dediquei um terço do meu lazer para falar e agradecer a felicidade enquanto durou a realidade.

De hoje para amanhã, saudades e boas lembranças.

Amada amiga e companheira, tenha um repouso eterno.

CORONAVÍRUS

Dia 30 de abril de 2020.

Pergunto: quem é quem? Quem são os homens e quem são as feras?

Vamos pensar: onde entra a vontade de Deus? Ou a ambição do homem? Quem pode explicar? Sábios existem milhares em todo o planeta Terra. Deus é o único criador deste planeta, Ele fez tudo com amor e carinho para nós, seus filhos.

Filhos que não souberam valorizar tanto quanto o nosso Pai merece. Na verdade, nós não ouvimos, nem paramos para olhar as belezas criadas com tanto amor por nosso Criador.

Ainda não conhecíamos todas as belezas: os animais, os frutos para nos alimentar, o perfume das rosas, a diversidade de cores e flores e as colinas verdes com variedade de animais silvestres. Um verdadeiro paraíso, com cantos variados de aves, de toda espécie, todas as cores e todos os tamanhos. Uma floresta cheia de caça para o homem, quando sentisse fome de carne e quisesse fazer aventuras. Deus criou esse paraíso para nós, e muito mais, para

vivermos felizes! O que fizemos? Destruímos com o progresso.

Então a corrupção veio, comendo pelas beiradas, como quem não quer nada. Disfarçados de Chapeuzinho Vermelho, os lobos, os ratos, as aranhas vão tramando a rede conforme o comando dos chefes. Tudo isso com o comando dos lobos, que se procriaram e moravam em tocas diversas, e mais os ratos, disfarçados com colarinho branco e com pastinhas, como se estivessem trabalhando — confundem-se com os trabalhadores, que servirão de cobaias.

Deus tudo ouve e tudo vê. Será que algum sábio imaginou a decepção do nosso Criador? Quem está no comando?

Tantas doenças físicas e mentais, por que será? Não vamos usar a frase "Deus quis assim". Não. Nosso Pai Eterno só quer nosso bem, felicidade e prece.

E a fome, a pobreza, os desencantos?

Sobre o coronavírus, de onde veio? Quem o criou?

Será que Deus está mandando esse aviso?

Ou homens cientistas estão brincando de serem maiores que o verdadeiro Criador?

Não sei nada, só sei que uma força maior do que eu posso imaginar está agindo na sombra e mudou o eixo do planeta. Da noite para o dia, em um piscar de olhos, as ruas ficaram vazias, as pessoas foram para quarentena, principalmente os acima de sessenta anos. O povo correndo...

Dona Adelina virava-se na cama, esforçando os olhos para abri-los. Abrindo-os, falou consigo mesma:

— Será que estou sonhando?

Um silêncio total. Nem um mugido das vacas, dos terneiros... Cadê os peões? Aonde foram os cães, que não estão latindo? Os galos, as galinhas, os pássaros... tudo silêncio.

Adelina, uma pessoa nascida e criada na lida campeira, sensata, boa esposa, mãe exemplar, educadora carinhosa, braço forte para criar seus três filhos homens, ficou viúva no decorrer dos anos, em um acidente campestre. Artur João da Silveira, um homem de fazer grandes negócios, transportando carne e cereais para vários lugares. Uma pessoa querida e bem-vista, um ótimo esposo, bom pai, companheiro, como diziam na época. Com os filhos fora de casa estudando, Adelina e o marido, junto com trabalhadores, que eram chamados "peões da estância", administravam a grande fazenda, com produção de queijos e de manteiga, de carnes bovinas e de vários outros produtos campeiros.

Artur, um corredor de carreira nato, tinha um esporte favorito. Nos rodeios, não fazia fiasco; nos melhores torneios, era laçador nacional. Mas o dia fatal chegou e o touro o derrubou. Foi morte instantânea, deixando Adelina viúva e os três filhos órfãos de pai.

Os meninos já estudavam em colégio-internato na cidade próxima, na primeira, segunda e terceira

séries primárias. Francisco, o mais velho, estava com onze anos; Jovenal, com nove; e Artur, com sete anos. Um internato semanal: os meninos estavam na idade escolar, iam para o colégio de segunda a sexta-feira. Francisco na quarta série, Jovenal na terceira, Artur na segunda série. A tragédia com o pai, as aulas canceladas por um mês. Os meninos, junto da mãe, estavam sofrendo a falta do amado pai, amigo e companheiro.

Adelina sofria calada, procurando dar força aos filhos. Todos os moradores do local estavam de luto pela perda do patrão.

Com o passar do tempo, a ajuda do bom caráter dos peões e o braço forte da patroa, tudo entrou nos eixos. O tempo, sempre bom conselheiro, foi passando.

Os meninos cresceram estudando e ajudando a mãe com os negócios. Terminando o segundo grau de contabilidade, Francisco foi para Goiânia, fez vestibular e passou com média boa, aconselhado pela mãe. Um escritório de contabilidade seria bom investimento para os irmãos trabalharem juntos no futuro.

Jovenal escolheu arquitetura. Na vez de Artur, todos já sabiam: ia ser agrônomo e morar na fazenda para ajudar a mãe.

O tempo passou, os meninos cresceram, todos formados. Artur recém tinha pegado o diploma, estava preparando-se para ir morar com a mãe. Francisco chamou Artur para pedir um tempo e ficar cuidando dos negócios. Ele precisava conversar com a mãe

sobre seu casamento com Eva, assim, podendo ficar pelo menos um mês de férias em sua terra natal.

Artur viu nos olhos do irmão um brilho estranho. Pensou: "Meu mano está saudoso e cansado. É justo tirar um tempo de férias".

Adelina, em uma manhã, tentou levantar-se, acordar... não conseguia.

O medo tomou conta do tempo.

— Oh, Deus Pai, o que está acontecendo?

Nessa angústia, Adelina deitou-se novamente em sua cama e adormeceu, entrando num sono e sonho profundos. No sonho, chamava sua cozinheira, que trabalhava há muitos anos com ela, Perpétua. Esta também foi babá dos meninos quando pequenos.

A empregada Perpétua, vendo sua patroa dormindo, aconchegou-se em uma cadeira de balanço perto da penteadeira, observando a patroa.

— Uai, por que chamou? Está dormindo e sonhando alto? — falava com os olhos arregalados, como se fossem sair das órbitas.

Assustada, a empregada escutava mobilizada, sem mexer sequer um dedo.

Perpétua ouviu um barulho intenso. Espantada, soltou um grito de fera, acordando a patroa.

Adelina despertou amedrontada, ouvindo um reflexo estranho, uma sensação de estrondo. Com firmeza, olhou para Perpétua:

— Será o fim do mundo?

Na rua, tudo calmo.

Olharam para todos os lados. Nada. Só o silêncio permanecia.

As duas saíram em direção à porta, que dava para o terreiro e os galpões. Entraram no galpão devagarinho, olhando para todos os lados.

Adelina, mulher forte e corajosa, caminhava na frente, levando em suas mãos um chicote e, no cinto, uma pistola carregada de balas. Pararam. Escutaram... nada, a não ser silêncio. Adelina já passara por vários perrengues, nunca nesse silêncio. O inimigo dessa vez era invisível.

Perpétua respirou fundo, encheu-se de coragem, perguntando:

— Do que está falando, patroinha?

Longe, muito longe dali, em outros países, uma guerra tinha começado. Em silêncio, era como uma cobra cascavel: as cobras largaram seus venenos de um jeito invisível.

Era madrugada quando as duas mulheres foram acordadas com ruído de motor na subida da lomba. Sem entender o motivo de estarem dormindo em uma estrebaria, as duas, confusas, ouviam os cães latindo, os terneiros e as vacas mugindo. Pareciam estar voltando de um conto de terror, em que as vilãs eram elas próprias.

No murmúrio das vozes dos peões, Adelina identificou logo a voz de Francisco, o filho mais velho. Adelina tinha mergulhado em seus pensamentos enquanto ouvia a voz de Francisco aproximando-se do galpão. Nessa mesma hora, explodia no mundo,

como bomba, uma notícia em todos os países do planeta. Em línguas diferentes, a notícia de um vírus mortal apavorava as pessoas de todos os países.

Pegos de surpresa, todos corriam para mais perto dos grupos que escutavam e viam os jornalistas falando, gesticulando, mandando que fossem todos para seus lares. Em alvoroço e pavor, as massas humanas, indecisas, caminhavam sem saber o rumo certo.

Ir buscar o filho no colégio? A esposa? A mãe? O pai? A filha? Homens, mulheres, crianças, todos sem entender por que tanto medo do desconhecido.

Nesse mesmo momento, mãe e filho abraçavam-se saudosos, como se fosse a primeira ou a última vez. Parecia um carro de guerra ou mísseis invisíveis afetando toda a humanidade.

Será que foi Deus, cansado da destruição? Afinal, Ele colocou toda esperança e todo amor ao construir um paraíso. Parou no sétimo dia para contemplar e admirar a obra e ver se era digna.

Francisco, ainda abraçado em sua mãe, com lágrimas escorrendo e molhando suas faces bronzeadas, falou:

— Minha mãe, viajei sem parar com todo esse movimento de gente. Não pensei duas vezes e vim vê-la. O seu telefone não está chamando.

As estrelas estavam brilhantes há uns minutos atrás.

— Olhe a tempestade! — gritou Perpétua. — Vamos correr para dentro de casa!

Nas casas das cidades e vilas, todos os meios de comunicação davam notícias de todos os países. Uma calamidade. Medo do inimigo. Acontecia uma guerra sem adversário. Corre-corre sem noção.

Adelina e o filho Francisco ligaram o televisor. As notícias fervilhavam em todos os canais, dando notícias em todas as línguas.

Com formigueiros ameaçados por destruidores, as formigas corriam para salvar seus bebês. Os humanos, como as formigas, corriam para proteger seus familiares.

Momento de reflexão: as formigas estão dando uma lição de vida e amor para nós. Desesperadas, correm carregando bebês, salvando-os para recomeçar um novo planeta. Será que nós, humanos, seríamos capazes de renunciar a todos os bens pelo sangue familiar que corre em nossas veias?

Francisco, deitado em sua cama, do tempo de menino, tinha pensamentos que coloriam seus sonhos de adolescente e que se misturavam com a idade adulta e atual.

— Eva! — murmurou em voz baixa.

Lembrando dos olhos negros e brilhantes da sua amada Eva, que vestia um traje preto esvoaçante enquanto a brisa do vento passava distraída, movimentando seus longos cabelos negros.

Francisco sentiu um calafrio pelo corpo. Passou as mãos no rosto, sentindo o suor frio correr.

Nesse instante, sua amada Eva ardia em febre, contaminada pela peste da Covid, variando em delírios, chamando por seu amor:

— Fran!

O amor dos dois era forte como a rocha, lindo como o pôr do sol de todo o planeta. Estavam sem comunicação há dias.

Adelina sentiu a angústia e o olhar distante do filho. Chamou:

— Venha, filho, tomar umas cuias de mate e conversar um pouco. Pena que seus irmãos não estão aqui no jantar. Perpétua está preparando o prato preferido de vocês três.

Francisco não ouviu a mãe falar dos irmãos. Seus pensamentos viajavam para Eva, delirando, escutando a voz da mulher que amava tanto quanto sua própria vida.

Nesse exato instante, em sua cidade, Goiânia, Eva delirava em febre, clamando por Francisco.

Adelina correu para o filho, preocupada. Agarrando-o pelo braço, falou:

— Está com alguma dor, filho?

O rapaz estremeceu, saindo do devaneio amoroso.

— Desculpe, mãe... eu estava pensando na minha querida Eva.

Segurando as mãos da mãe, como quando era uma criança travessa que, arranhando-se nos espinhos ou nos arames farpados, com os olhinhos lacrimejando, vinha pedir colo. Adelina afagou a testa

do filho com carinho e perguntou o motivo daquela angústia.

Parecia estar cego e surdo. Correu para o móvel onde estavam os telefones. Pegando o celular em sua mão trêmula e gelada, tentou uma ligação sem resultado. Tentou no telefone fixo, e nada. Desligadas todas as linhas telefônicas.

Francisco chorou no ombro da mãe. Nessa hora de emoção, o capataz, que comandava tudo, chegou para avisar que naquelas bandas as comunicações estavam cortadas pela tempestade.

— Patroa, estamos isolados. Sabe-se lá por quanto tempo! Vamos rezar o dobro de orações.

O capataz, assustado, nem percebeu a palidez no rosto do rapaz.

Francisco abraçou sua mãe bem forte, como se fosse a última vez. Sentando-se na cadeira, colocou Adelina no colo, trocando o papel de filho, já que agora estava um homem duas vezes mais forte que a mãe.

Adelina sentiu que ali ela se despedia do filho. Em lágrimas, o abençoou. Os dois choravam tanto que a criadagem veio correndo socorrer.

O sol nascia por trás de várias nuvens brancas leves, que traduziam amor e saudades. O motorista que estava dirigindo, sonolento e cansado, pediu para colocar uma música. Ele estava dirigindo há mais de seis horas sem ouvir um ruído ou uma palavra.

Francisco parecia estar em outro planeta, parecia uma estátua de gelo.

Manoel, um senhor cinquentão, um dos empregados de confiança da fazenda, sem saber se parava um pouco, resolveu parar em uma lancheria, sentindo o aroma das guloseimas.

A voz do Francisco finalmente veio em seus ouvidos, perguntando:

— Por que paramos?

— Preciso ir ao banheiro e também comer e beber algo — disse o motorista Manoel. — Desembarque, venha caminhar um pouco, tome ao menos um café ou uma água. Ainda tem um bom pedaço de chão para rodar. — Manoel entrou apressado no banheiro.

Lá na fazenda o cenário continuava, com todo o trabalho dos empregados, que produziam sem saber do acontecido.

Adelina arrumava forças. Sua fé estava em frente ao altar de Nossa Senhora de Guadalupe, sua santa de devoção.

Perpétua entrou na capela com o telefone na mão e, ofegante, falou:

— Telefone para a senhora.

Adelina, trêmula, pegou o aparelho, emocionada, pensando ouvir a voz do filho. Foi Manoel quem falou, com voz trêmula e rouca. Gaguejou:

— Dona Adelina?

Um arrepio passou pelo corpo da mulher tão magra, sofrida e altiva. Com voz firme:

— Manoel, já estás voltando?

Do outro lado da linha apenas uma forte respiração. Adelina gritou:

— Fala, homem! O que está acontecendo?

Nesse momento, a ligação caiu.

Muitas milhas caminhadas. Um andarilho com roupas esfarrapadas, exausto e sem noção de quem era, um homem sem identidade, desmaiou de cansaço e fome. Em outra localidade, bem longe dali, em uma cidade no estado de Goiás, em um hospital, um carro funeral saía em direção ao cemitério, levando mais uma vítima da Covid.

O sol brilhava no céu, tentando, com uma luz dourada, alegrar os olhares melancólicos que paravam no nada. Ao mesmo tempo, uma pequena família sofria reunida.

Amor e dor. Sim, dor e amor.

Por sua filha Eva, que levaram para o cemitério como se fosse uma trouxa de roupa suja, depositada em um saco preto. Assim, milhares de famílias passavam por esse sofrimento, lutando com um fantasma invisível ou transparente.

Nesse momento, eu, a pequenina Pema, pergunto para mim mesma: "É verdade ou demência?". Começo a dar pequenos beliscões na minha alma gêmea, Iracema. Nós somos uma só pessoa. Concordamos com a falta de caráter e de dignidade de vários habitantes do planeta Terra. Os sabidinhos lobos, cobrindo-se de ternos e gravatas, com sorriso no rosto, dinheiro garantido e maldade no coração. Logo atrás, a Chapeuzinho Vermelho fazendo malabarismos, chamando a atenção do povo de boa índole, para adoçar ainda mais aqueles corações

inocentes. Por trás das câmeras, os lobos, com trajes de repórteres disfarçados de bons meninos, corações cheios de ambições e fel.

Muitos dos generosos do mal jogando balinhas para o povo inocente e trabalhador. Com sorriso nos lábios, juntam aquela pequena prenda com gesto de amor, como se fosse uma medalha, e agradecem. Os de colarinho branco aplaudem trabalhadores em busca de votos. Cambada de ratos imundos!

Por que, meu Deus? Peço encarecidamente: manda-nos os anjos e arcanjos para nos salvar.

Uma luz ilumina a noite escura do sertão. Um ser humano caminha descontraído, com olhos fixos na enorme lua que iluminava a noite escura. Um homem caminhava em uma estrada sem sentir emoção sequer, sem sentidos nem noção de nada. Apenas caminhava em busca da luz. Um ser trajando trapos, parecendo um sopro de vida. Um coração que batia compassadamente: *tum*, *tum*, *tum*...

— Eva!

Um som da mata.

— Mãe...

Aquela perfumada floresta acolheu o mendigo como se fosse uma de suas plantas. Os pássaros pousavam em seus ombros e em sua cabeça, como se ele fosse uma árvore ambulante. A pobre criatura olhava para os pássaros, identificando-se, como se fosse uma espécie deles. Com um ruído saindo da garganta, comia os frutos junto com eles, bebia

água direto com a boca e dormia sentado em uma galhada de goiabeira.

Longe, muito longe dali, além do horizonte, Adelina trabalhava com pulso firme e olhar distante. Sua mente pedia por seu filho. Pensou com saudade de Francisco. Suspirou fundo.

Veio a imagem de Eva e de tantas pessoas com parentesco e amigos que partiram, enterrados em sacos pretos, sem aconchego da família. Pensava: "Meu filho está viajando em lugares com lindas paisagens. Que Deus o proteja até o grande encontro".

As linhas telefônicas estavam funcionando. Os dois filhos comunicavam-se todos os dias com Adelina, unidos em sofrimento, tentando consolar a mãe e consolar-se com a falta do irmão.

O tempo passava depressa. A saudade sempre presente em todos os lugares.

Hora da Ave Maria na fazenda, onde o sino, às dezoito horas, tocava dez minutos sem parar. Todos os peões e a patroa encontravam-se na capela de Nossa Senhora de Guadalupe, agradecendo o dia de trabalho, e todos com saúde para uma noite de descanso. As orações não eram obrigatórias, mas às dezoito horas os familiares já estavam entrando, reservando lugar para os filhos ou outros da família.

Adelina estava com o coração de luto. Dois anos tinham passado, mas ela entendia os peões. Trabalhavam durante a semana toda. Aos sábados ou feriados sempre tinha um aniversário; se não tivesse, eles inventavam.

A patroa não podia faltar, principalmente para os parabéns. Assim o tempo foi passando.

Os dois filhos de Adelina formados. Jovenal casou-se logo após sua formatura, em uma cerimônia simples na capela de Nossa Senhora de Guadalupe. Dalva, a noiva, e a família, a pedido de Adelina, concordaram com a cerimônia ali na fazenda.

Artur ainda estava substituindo o irmão. Seus planos tinham mudado com o desaparecimento de Francisco. Levou a sério a palavra dada ao irmão mais velho.

Um ano após o sumiço do irmão, Artur casou-se com Marina. Um casamento no civil, com promessa de os festejos acontecerem quando casassem no religioso, na capela de Nossa Senhora de Guadalupe, promessa feita pelas duas famílias.

Reflexão era o que Adelina fazia nos últimos dias antes do casamento, sentada em um dos bancos da capela. Os pensamentos fervilhavam: o mistério do sumiço de Francisco, a morte de Eva e tantas outras tragédias...

Tudo isso provocado pelo coronavírus. Quanto sofrimento pelo mundo inteiro.

Adelina ajoelhou-se diante da imagem de Nossa Senhora de Guadalupe, de mãos postas e lágrimas escorrendo pelo rosto marcado pelo tempo.

— Mãe, ajude-me a pensar no meu filho. Com tua proteção, junto do teu coração, seja onde quer que ele esteja.

Enfim, por todas as famílias que ainda estão sofrendo até hoje. Amém.

Adelina secou as lágrimas, sentindo uma luz de alegria correr em suas entranhas, como se estivesse acordando de um longo sonho. Sorriu como sorria anos atrás.

Três anos tinham passado. Uma semana depois, na fazenda, havia alvoroço. Pintores davam novas cores às paredes do casarão. Técnicos reformavam a piscina. Os jardineiros, com uma equipe, projetavam um lindo jardim. Voltando a serem alegres como os pássaros, os moradores sorriam e cantavam jubilosos. A fazenda estava voltando a ser como era na infância, quando seus pais e avós trabalhavam ali. Ali estavam os jovens trabalhando junto dos pais. Assim, a tradição passava de pais para filhos.

Adelina estava passando o bastão para Artur e Marina, Jovenal e Dalva.

Marina era corajosa e decidida. Tinha garra. Artur conhecia bem os movimentos da fazenda. Os dois casais tocariam bem os negócios.

Marina estava grávida. No começo de uma gravidez saudável e alegre, trazendo paz e alegria para todos os moradores que ali viviam como uma grande família.

Os pássaros gorjeavam construindo seus ninhos. Nesse dia, as flores começaram a desabrochar.

Jovenal e Dalva continuavam morando na cidade. O escritório de contabilidade crescia a passos firmes.

Três meses passaram. A fazenda prosperava mais e mais a cada dia.

Artur, com suas técnicas e modificações modernas, unia a bondade e sabedoria do pai, a garra, a determinação e o amor da mãe, juntos com seu próprio conhecimento.

As flores abriam-se em várias formas e cores do universo, perfumando todo o ar. A preparação para o casamento ia de vento em popa.

Adelina, junto da velha empregada e amiga, com tantos anos de trabalho e de dedicação, estava dispensada merecidamente de qualquer obrigação. Continuaria morando em sua casinha, como sempre morou. Perpétua, com humildade e carinho, agradeceu à patroa por todos os anos de amor e carinho por ela e sua família, que ali se criaram e cresceram.

Perpétua pediu encarecidamente para Adelina deixá-la ajudar no enxoval da criança e em algo mais, como uma avó postiça. Marina, alegre e feliz, assumiu o trabalho que Adelina tocou com braço firme por anos e anos.

O grande dia de juntar as famílias estava perto. Os moradores movimentavam-se pintando paredes, arrumando casas, jardins, hortas e arvoredos. O vento colaborava levando o aroma para todos. Assim, a alegria verdadeira voltou para o bem-estar de todos, com sua nova e querida patroa.

Adelina estava radiante com a certeza e a confiança no futuro do seu legado.

Marina distribuía alegria e amor por tudo e para todos, colocando os móveis nos lugares adequados para quando os filhos chegassem. Tinha planos de

três filhos: uma menina e dois meninos. A menina seria batizada com o nome de Eva, em homenagem à sua amiga que a Covid levou, deixando as famílias enlutadas.

Eva era dois anos mais velha. Nossas famílias eram moradoras da mesma quadra. Tornamo-nos colegas da mesma escola, nos encontros do recreio. Eu a achava linda, com o cabelo negro caindo sobre os ombros e o olhar penetrante, tão negro quanto os cabelos.

Nossas idades não nos favoreciam para conversar. Dois anos faziam diferença.

Os anos passaram. Ela terminou o segundo grau e trocou de escola. Ficamos sem contato por algum tempo.

Para minha alegria, nos encontramos em uma festa de amigos em comum. Eva e eu nos abraçamos como se fôssemos velhas amigas. Assim, nossa amizade foi selada para sempre.

O primeiro encontro de Eva e Francisco... Eles já namoriscavam há tempo, porém não tinham trocado uma palavra sequer. Apertaram as mãos. Olhar no olhar. Junto, um arrepio percorreu os dois corpos. Sentiram-se unidos por um amor infinito.

Marina lembrava da querida e inesquecível amiga e de amigos que partiram, deixando um rastro de saudades e sofrimento. A jovem futura mãe sentiu um tremor gostoso em seu ventre, acariciou a barriga pensando no nome que iriam dar para o bebê. Dessa forma, a moça estava distraída, em um mundo só

dela e da germinação do seu filho. Houve o som do seu nome no ar; assustada, perguntou:

— Aconteceu algo?

Artur, pegando-a no colo, disse, rodopiando-a no ar:

— Aconteceu, estou loucamente apaixonado por vocês.

Artur falava com voz embargada:

— Será que você concorda em batizar nosso filho com o nome de Francisco?

Sorrindo, perguntou:

— Enfim, e se for menina podemos chamá-la de Eva?

Os dois selaram o momento com um abraço carinhoso, voltaram para casa cheios de certeza de um mundo melhor para todos.

Adelina e Perpétua, na sala de bordados e costura, bordavam e costuravam, dizendo:

— Vamos fazer dois enxovais — falava Adelina.

A governanta sorrindo, concordava:

— Um para um menino e outro para uma princesa.

Na fazenda, tinha muitas mulheres rendeiras, prendadas, tricotavam maravilhosamente bem, crochê nem se fala, com linha fina parecia renda. Então, aquilo que podiam mandar fazer era algumas peças, exceto os sapatinhos, que eram a preferência de Marina.

Ao bom Pai, graças por tudo estar fluindo novamente, todas as energias positivas, amém.

O grande dia chegou, os pais de Marina, os pais da inesquecível Eva e os amigos de ambas as partes vieram prestigiar a celebração do matrimônio dos amigos verdadeiros. Marina vestia um longo e esvoaçante vestido verde-água; na cabeça, uma grinalda com minúsculas flores de cor violeta, com pequenos traços rosados. Artur vestia um terno cinza-claro com camisa esporte verde-água, seus pés calçando sapatos esporte cinza, mãos entrelaçadas com Marina, entravam vagarosamente na porta da capela. Um sorridente tapete vermelho convidava-os a pisarem em suas fibras macias, o altar exalava o perfume das flores de cor violeta, branca e rosa, convidando-os a celebrar o enlace matrimonial.

Os moradores da fazenda estavam presentes, felizes com a felicidade da família. Jovenal e sua amada esposa Dalva, unidos com os pais de Eva e os amigos de Francisco. Adelina e Perpétua enxugavam as lágrimas de saudades dos entes queridos.

Pensamentos voavam rápidos para todas as épocas, os noivos pareciam flutuar em cada passo para chegarem ao altar. O sacerdote os esperava paciente, com um leve sorriso de felicidade nos lábios.

Enquanto os noivos subiam ao altar, em um planeta de sonhos, duas pequeninas mãozinhas de anjo encontraram-se em uma nave do amor. O som da música nupcial invadia a capela e os corações que ali pulsavam, juntos com os corações dos noivos.

Longe, muito longe, onde a lua cheia iluminava o planeta Terra, houve uma revoada em uma floresta encantada onde os pássaros encantavam-se com o encantamento do encantado.

A cerimônia e a missa encerraram-se às dezenove horas, uma cerimônia longa e emocionante. O salão, onde eram realizadas grandes festas e recepções em tempos passados, voltou a iluminar-se; as recordações chegaram juntas, com lágrimas correndo ao encontro dos sorrisos. Só um sábio poderá descrever esse sentimento com emoção, de mistura de épocas, cores, amores, sonhos, vivências e dissabores. O cansaço veio vindo vagaroso, como se não quisesse dar fim na alegria.

Adelina pediu uma salva de palmas para o casal recém-casado e novos patrões, entregando a grande chave simbólica. Palmas para Dalva e Jovenal, que assumiam uma grande responsabilidade, herdando sozinhos o cargo das finanças. Os dois casais abraçaram-se jurando felicidade e fidelidade para Adelina e todos os heróis trabalhadores, que eram de confiança.

Adelina promoveu, como encerramento do seu mandato, uma visita nos arredores da fazenda e nas pequenas fábricas. Fábrica de queijos, manteiga, requeijão e, ao lado, outro compartimento maior, maquinário para salames, linguiças. Ao lado, uma peça com ventilação para secagem do charque, em grande quantidade e qualidade.

A um quilômetro dali, o matadouro com tudo que fosse necessário, além da higiene para abater gado ou suíno; ovelhas eram abatidas só para o consumo da fazenda. A lã também era consumida pelos moradores do local. Os moradores fiavam toda a lã de qualidade para tricotar agasalhos para todos conforme precisassem.

A fábrica de sabão ficava longe das outras, a um quilômetro, por segurança. Os visitantes foram reencontrando-se em uma grande sombra de várias trepadeiras de inúmeras cores e perfumes suaves.

Mesas e bancos esperavam para um reforçado lanche antes da partida de volta para a cidade, das lágrimas, dos sorrisos, das promessas de novas vindas. Assim, ouvindo o barulho dos motores ligando, outros já rodavam em direção ao grande portão de saída.

Jovenal e Dalva resolveram aceitar o convite da mãe, reforçado por Artur e Marina, para ficarem em família, para poderem falar sobre o futuro. Dalva pediu licença para falar em nome do casal, dirigindo-se para Adelina, antes que ela falasse, Jovenal aproximou-se da esposa segurando sua mão com firmeza, falaram juntos:

— Nós não temos nenhuma possibilidade de gerar um filho, por este motivo, estamos na fila de adoção há um ano.

Adelina, com lágrimas escorrendo por cima de um grande sorriso, abraçou-os dizendo:

— Abençoo vocês, meus filhos iluminados, bem-vinda à nossa casa mais uma criança.

Perpétua, com um sorriso maroto na boca, disse:

— Ouviu, patroa? Minha intuição de fazer dois enxovais!

Adelina concordou com ela sorrindo:

— É melhor nós fazermos um terceiro, em cores neutras para garantir.

Os dois casais bateram palmas para as duas mulheres.

— Deus, quantas emoções de uma vez só! — falou a vó Adelina, sentando-se no banco.

Os filhos correram para amparar sua mamãe amada. Perpétua correu com um copo de água para a patroazinha, as noras, com lágrimas escorrendo, molhando suas faces rosadas, abanavam com leque.

Adelina era forte que nem rocha, às vezes, ela também treme nas bases. E foi o que aconteceu com aquela mãe, veio, repentinamente, o pânico, o sofrimento, com tantas perdas de entes queridos, lembranças do filho:

— Onde está meu filho?

Pandemia, lembranças de Francisco. Naquele momento, ela viu a imagem dele sorrindo, estendendo as mãos para ela. Enfim, as vítimas da Covid foram deixando um rastro de destruição, saudades, tristeza, sonhos desfeitos, portas fechadas.

Quem paga esta conta? Vacina e mais vacina, como se fôssemos uma tropa de animais selvagens sem memória.

— Oh, meu Deus, venha nos tirar dessa crise de mentiras e falsidade que estamos vivendo!

Assim, Adelina estava vivenciando os sofrimentos e as perdas com o coronavírus.

Quem será o responsável? Talvez todos nós, por essa calamidade pública. Ou será um erro humano? Qual propósito? Só Deus sabe e tem resposta, uma hora ou outra, virá à tona, a solução não vai demorar.

Adelina, deslizando as contas do rosário entre os dedos, pediu com fé ao Pai Celeste piedade e misericórdia de nós.

Depressa, vagaroso, correndo, o tempo passava para todos, cada ser tem o seu relógio interior; Jovenal desenvolvendo com competência e dedicação seus deveres, Dalva trabalhando e sonhando com sua filhinha Joaquina, que estava próxima de chegar. Marina e Artur ansiosos, porém felizes, tudo pronto esperando a chegada da famosa cegonha.

Primeira semana do mês de maio, outono, mês de Nossa Senhora de Caravaggio. Fazia o chamado "verão de maio", os pássaros continuavam cantando alegres, revoando as terras que foram colhidas há poucos dias atrás, à procura de grãos, de sementes perdidas.

Céu de maio, um azul diferenciado — na minha opinião, o mais lindo do ano —, romântico; na noite, as estrelas brilhavam mais que o próprio brilhante. Nessa noite de brilho, Marina começou a sentir os sinais de parto exatamente às vinte e duas horas e quarenta minutos.

A milhares de quilômetros dali, em uma grande floresta, uma lua cheia com uma imensa luz iluminava toda a região onde moravam muitos animais selvagens de várias espécies. Uma selva encantada, onde tudo era pureza e encantamento, um exército de pássaros cantando uma canção de ninar, só inocentes e raras pessoas especiais podiam ouvir.

Adelina e Marina estavam iluminadas naquele momento sublime. Artur sentiu uma forte emoção que não conteve as lágrimas.

Com vários apelidos, duas mulheres chamadas de "aparadeiras" ou "parteiras da campanha", hoje, com a evolução, chamam de "doulas".

Quinze de maio de 1940, o relógio da parede da varanda deu cinco badaladas, o som refletiu em todo casarão. Marina suava e segurava os gemidos com respiração de cachorro, foi a doula que a orientou durante os últimos meses de gravidez.

Uma energia positiva e agradável girava naquela hora. Em um gemido profundo, Marina suplicou socorro à Nossa Senhora de Guadalupe. Um grito de dor e alegria ecoou ao encontro do relógio, que badalava seis horas do dia quinze de maio, junto, o choro de Eva alegrando os corações dos pais, avós e todos que, de uma maneira ou outra, estavam colaborando.

Marina respirou fundo novamente, e outro gemido, mais forte, ecoou pelo casarão. Uma nuvem de pássaros passava em revoada de asas e cantos de ninar. Francisco chegou três minutos depois de Eva,

fazendo surpresa para todos com seu pulmão forte, mostrando por que chegou.

Todos estavam em estado de choque, tanto de alegria como surpresos com os inesperados presentes: Eva e Francisco. Enquanto uma das doulas cuidava das crianças, a outra cuidava da nova e recente mãe, o pai e a vó estavam com os joelhos dobrados em orações e agradecimento.

Era hábito, na fazenda, tocar o sino às seis horas da manhã. Naquela manhã, o sino tocou durante meia hora sem parar, anunciando o duplo nascimento.

O cansaço fez com que os acompanhantes fossem deitar um pouco. Marina, depois dos cuidados necessários e alimentada, dormiu. O silêncio velava o sono merecido dos familiares junto da parturiente. Depois, o relógio bateu onze badaladas. Adelina acordou dando um suspiro de felicidade, não foi um sonho de emoções de uma noite feliz, era verdade, vieram dois netos de uma só vez, Eva e Francisco para alegrar seus tempos de velhice.

Pensando, Adelina caminhava em direção à varanda:

— Vou dar a notícia para Dalva e Jovenal.

Ia pegar o telefone quando este tocou. Adelina, colocando o fone no ouvido, ouviu o chorinho da Joaquina e as vozes do casal, misturando risos e lágrimas de felicidade dupla.

— Eu estava pegando o telefone para pedir notícias da minha neta e dar notícias da grande surpresa que tivemos! E mais essa surpresa, dia abençoado.

Acho que dormi demais, meu Deus obrigada por estes presentes.

Assim, foi marcada essa data para Adelina voltar a ser feliz junto dos netos e dos familiares. Enfim, o amor e a harmonia voltaram junto com Francisco e Eva morando ao seu lado.

E ainda, de lambuja e causando completa felicidade, Joaquina era o nome que Adelina escolheu na sua primeira gravidez, e nasceu Jovenal. E tem gente que não acredita que Deus escreve certo por linhas tortas.

Os moradores da fazenda voltaram a ser felizes, as fábricas continuaram dando produção, o gado leiteiro melhorando, os suínos sendo transformados em salame, linguiça, torresmo e sabão; também as ovelhas e as vacas estavam com cria. A felicidade existe com a ajuda do céu e o trabalho com afinco e dedicação. Na floresta, estava tudo tranquilo, em paz, entre as borboletas e as feras, todos aproveitando o verãozinho de maio.

Jovenal, Dalva e a pequena Joaquina preparavam-se para encontrar a avó, a mãe, os tios, os sobrinhos, os irmãos, os primos e os amigos.

O sol de maio estava preparando um lindo pôr do sol na fazenda, na cidade e na floresta. *Em qual dos três você quer estar?*

Vinte e dois de maio de 2022. Que data marcante. Acho o máximo assinar este escrito nessa data. Se a felicidade existe, para que falar ainda mais de coronavírus?

Comentários da escritora: 19 de março de 2023. Já se passaram mais de trinta dias longe do meu escrito, a saudade bateu. O que fazer? Que angústia dentro do peito, minha cabeça roda e o coração apertando o peito.

Enquanto minha alma presa clama por felicidade, correr, dançar, cantar, ver as cores das flores, os voos dos pássaros, pular dos galhos das árvores, pular corda, brincar de amarelinha, acho que estou envelhecendo, é ruim ter limite de idade. Gostaria de chorar muito para retirar essa angústia que me aperta o peito, os olhos se enchem de lágrimas de felicidade, nem lágrimas tenho para correr sobre o rosto.

Queridos leitores, mergulhei novamente no meu *eu* e trouxe do fundo do meu ser esta fantástica aventura criada pela minha imaginação. Nunca pensei em pesquisar a não ser dentro do meu próprio cérebro. Agradeço ao Pai Celeste por este presente.

UCS UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

UCS | EDUCS EDITORA

A Editora

A Editora da Universidade de Caxias do Sul, desde sua fundação em 1976, tem procurado valorizar o trabalho dos professores, as atividades de pesquisa e a produção literária dos autores da região. O nosso acervo tem por volta de 1.600 títulos publicados em formato de livros impressos e 600 títulos publicados em formato digital. Editamos aproximadamente 1.000 páginas por semana, consolidando nossa posição entre as maiores editoras acadêmicas do estado no que se refere ao volume de publicações.

Nossos principais canais de venda são a loja da Educs na Amazon e o nosso site para obras físicas e digitais. Para a difusão do nosso conteúdo, temos a publicação das obras em formato digital pelas plataformas Pearson e eLivro, bem como a distribuição por assinatura no formato streaming pela plataforma internacional Perlego. Além disso, publicamos as revistas científicas da Universidade no portal dos periódicos hospedado em nosso site, contribuindo para a popularização da ciência.

Nossos Selos

- **EDUCS/Ensino**, relativo aos materiais didático-pedagógicos;
- **EDUCS/Origens**, para obras com temáticas referentes a memórias das famílias e das instituições regionais;
- **EDUCS/Pockets**, para obras de menor extensão que possam difundir conhecimentos pontuais, com rapidez e informação assertiva;
- **EDUCS/Pesquisa**, referente às publicações oriundas de pesquisas de graduação e pós-graduação;
- **EDUCS/Literário**, para qualificar a produção literária em suas diversas formas e valorizar os autores regionais;
- **EDUCS/Traduções**, que atendem à publicação de obras diferenciadas cuja tradução e a oferta contribuem para a difusão do conhecimento específico;
- **EDUCS/Comunidade**, cujo escopo são as publicações que possam reforçar os laços comunitários;
- **EDUCS/Internacional**, para obras bilíngues ou publicadas em idiomas estrangeiros;
- **EDUCS/Infantojuvenil**, para a disseminação do saber qualificado a esses públicos;
- **EDUCS/Teses & Dissertações**, para publicação dos resultados das pesquisas em programas de pós-graduação.

EDUCS

Conheça as possibilidades de formação e aperfeiçoamento vinculadas às áreas de conhecimento desta publicação acessando o QR Code.


UCS
EDUCS
EDITORA
50
ANOS